

ANNO I.

N. 8.

REVISTA FLUMINENSE

1868.

DEZEMBRO

SEMANARIO NOTICIOSO, LITTERARIO, SCIENTIFICO, RECREATIVO, ETC., ETC., ETC.

PROPRIETARIO E UM DE SEUS REDACTORES

PEDRO ORSINI GRIMALDI PEREIRA DO LAGO.

ASSIGNATURA, CÓRTE E NÚMERO:	Não se recebem assignaturas por menos de 3 meses, sendo estas pagas adiantadas, como é de costume. Os Scs. assinantes terão sempre direito a todos os numeros deste jornal, comprehendidos no trimestre, semestre ou anno de sua assignatura. Subscreve-se nesta typographia e nas principais livrarias da corte.	ASSIGNATURA. PROVÍNCIAS:
Por anno.....	125000	Por anno..... 165000
Por semestre.....	65000	Por semestre..... 85000
Por trimestre.....	35000	Por trimestre..... 45000

Profissões Liberaes.

VI.

Tivemos occasião de contemplar o jurisconsulto por uma de suas faces, a do advogado, ou aquella que é mais lucrativa, mais brilhante, mais suave e mais attractiva pela inteira liberdade que respira em seu todo; temos agora de mostrar a face com que se nos apresenta o magistrado, ou aquella que é mais severa, mais grave, mais ardua e mais restricta no terreno dos invartaveis principios que deve ter sempre por norma de accão.

Qualquer delas nos apresenta a figura respeitável do sacerdote do direito, mas a diferença é a mesma que vai do secular para o religioso. N'este as regras são mais strictas, mais positivas e mais austeras, e por isso as virtudes e os dotes essenciaes do seu archetypo são mais rigorosos e de accesso mais difícil.

Para dizer tudo: o magistrado deve cerrar o peito a todos os sentimentos, embora generosos, quando tenha deles de perturbar a austerdade do seu mandato de justiça. Uma linha que elle se desvie d'esse augusto caminho, tem-se precipitado da altura e cahido no abyssmo!

Já se vê, pois, que vocação decidida, que grandeza d'alma para suffocar as paixões, e que recursos intellectuaes* lhe não são necessários para attingir a eminente posição de que mais tarde lhe deve provir um glorioso renome!

Austero e magnanimo, erudito e modesto, investigador cauteloso e calmo, accessivel e affável no trato, moderado, cordato e integro em todos os seus actos, eis o exemplido bello ideal do typo que analysamos.

Assim como ao ministro do altar cabe dar o

exemplo das boas accões e do amor pela verdadeira religião, assim também ao ministro da lei cumpre dar aos seus concidadãos o exemplo da austerdade em todos os seus actos, quer de vida publica, quer de vida privada. Sem isso não terá elle jus ao respeito e veneração que merecem o seu honroso ministerio e a sua pessoa, que deve dest'arte n'elle encarnar-se.

Na pratica de tão relevante dote de espirito muitos tropeços e contrariedades encontrará por sem duvida essa entidade que analysamos, porque as paixões humanas a cada passo se contraria; mas para que a sua nobre figura não se desprenda jamais de seu bello pedestal, descendo alguma vez a exagerar a applicação daquelle sublime dote de espirito, por mero capricho pessoal, é força que ella em taes casos, ainda que accossada pela negra mão da calúnia, ignobil e perfida em seus botes, dispense para com esses pobres desvairados a generosa magnanimidade, ou o unico desforço daquelle que tem consciencia de suas accões.

Já dissemos sufficientemente, quando tratámos do outro typo do jurisconsulto, quanto era mister a erudição á tal profissão. Dispensar-nos-ha por isso o leitor se não insistimos nas razões que actuarão sobre o nosso espirito. Só acrescentaremos que ao magistrado mais acuradamente cumpre esforçar-se por beber com avidez a taça da sabedoria, visto que a elle cabe maior responsabilidade pelas consequencias fataes provindas do erro, do que ao advogado; porque taes consequencias são muito mais funestas e perigosas para a sociedade.

Com tudo, que a realização ou a constante approximação dessa primordial qualidade do seu archetypo, não se esqueça jamais elle de ajuntar



a fructifera arvore da modestia, á cuja sombra devem descansar a sua inalteravel integridade, a sua justa moderação, a sua discreta cordura, o seu tranquillo espirito de investigação, e uma lhaneza de caracter tanto quanto seja compativel com a dignidade do cargo que deve identificar-se com a sua pessoa.

A integridade traduz-se pela rectidão continua e perseverante em todos os actos da justica; pela sobranceira imparcialidade de seu juizo firme; e pela abnegação de si mesmo até o martyrio.

A moderação pela conveniente applicação do arbitrio que lhe facilita a lei. A sisudez e cordura pela inteira circunspectção em qualquer função do seu arduo ministerio.

A calma e tranquilla investigação pelo ardor sagrado na pesquisa e inquirição da verdade.

E, emfim, a lhaneza do seu caracter no seu trato como juiz, pela urbanidade de maneiras para com as partes, e pela singela indulgência para dispensar as faltas que não provém da má fé.

Um tal archetypo é um monumento de gloria para aquele que se esmera por imitá-lo, cultivando quotidianamente as virtudes que n'elhe se encerrão. E os que se esforçam por attingir tão sublime bello ideal são dignos de figurar no pantheon da immortabilidade, conservado na memoria dos povos agradecidos e convencidos dos relevantes serviços prestados.

DR. M. J. RODRIGUES.

Da autoridade dos Evangelhos

POR M. FRAYSSINOUS

Bispo de Hermopolis.

(Traduzido por L. M. Pecegueiro).

(Continuado do n. 6.)

O que se dirá para enfraquecer esta antiga crença das igrejas primitivas, essa serie de testemunhos, que começando no primeiro seculo se desenvolvem com tanto brilho e força no segundo e nos seguintes? Pretenderá alguém recusar-se vagamente pela pretendida ignorancia e credulidade d'essas primeiras eras? Tão vaga accusação será facilmente destruída por algumas reflexões breves mas sufficientes. O que erão nas

igrejas primitivas um grande numero de seus pastores, pontífices e doutores? Erão judeus ou pagãos ilustrados que havião abraçado o christianismo, e que antes de abandonarem a religião de seus paes, tinhão querelutar contra os prejuizos do espirito ou as paixões do coração; seu testemunho, portanto, é tanto mais irrecusável sobre a authenticidade dos nossos Evangelhos, quanto mais que tinhão elles o interesse em examiná-lo bastante, e até porque tocavão á mesma origem das cousas.

Possuimos as obras de muitos desses christãos dos tres primeiros seculos, obras que patenteão exhuberantemente a sabedoria de seus autores, como a belleza de seu genio.

Dir-se-ha ainda que os christãos não devem ser ouvidos sobre o objecto de sens livros sagrados porque são suspeitos, em sua propria causa? E desde quando, em tudo o que concerne as leis, aos costumes, à religião, à historia de um povo, se teve por causa alguma o testemunho d'esse povo? E assim que se raciocinaria se se não houvesse afastado por odio declarado ou occulto que se tem votado ao christianismo? Na historia da Grecia quantas cousas nos são conhecidas apenas por autores gregos, e de que todavia se não duvida?

Do povo romano quantos acontecimentos que acreditamos pela fé unica dos historiadores latinos? Dar-se-hia ouvidos a um estrangeiro que sobre factos memoraveis de nossa historia nacional desprezasse todos os nossos monumentos, todas as nossas tradições as mais seguidas e as mais connexas sob o bello pretexto de que os franceses não devem ser ouvidos no que diz respeito á sua historia?

Pede-se em favor da antiguidade dos Evangelhos outros testemunhos que não os dos povos christãos: ninguem tem o direito de o exigir; mas nós temos com que satisfazer esse desejo, embora tão caprichoso e injusto como é. Desde os primeiros tempos, os livros da nova lei tiverão por inimigos não só Judeus que tributavão aos discípulos de Jesus Christo o odio que tinhão a seu mestre, como sophistas pagãos que se armavão contra as christãos de todos os recursos que lhes podião sugerir o espirito e o saber.

E porventura alguma vez elles accusarão os christãos de venerar, como tendo sahido das proprias mãos dos apostolos, as obras de um vil fal-

sario? Não, nunca semelhante accusação lhes foi intentada. Que inimigos houve mais habéis, mais astuciosos, da religião christa, do que foram Celso, Porphyro e Juliane? Elles conheciam muito bem os nossos Evangelhos, d'ahi tiravão argumentos contra o christianismo, chasqueavão da doutrina que elles ensinavão; mas é incrivel que tivessem suscitado sobre sua origem a duvida a mais insignificante.

E que interesse, entretanto, não teria elles de apresental-os como fabricados por um impostor? !...

N'isso estava o verdadeiro meio de solapar o christianismo por seus fundamentos, e cobrir-lhes os sectarios de opprobrio e de desprezo, apresentando-os como um rebanho de homens illudidos pela mais vergonhosa credulidade.

Todo o mundo sabe que o imperador Juliano tinha sido educado no christianismo; que elle sabia a historia e os livros: pois bem! foi elle quem formalmente confessou que os nossos Evangelhos erão obra dos apostolos de quem ainda trazem os nomes; por onde se vê a maneira por que elle pretendia combater a divindade de Jesus Christo. Dizia que nem S. Matheus nem S. Marcos, nem S. Lucas della havião fallado, e que S. João era o primeiro que d'isso ousara fazer menção.

O argumento deste imperador sophista era indubitavelmente máo; porém o seu testemunho é menos preciso na questão que nos occupa. Eis ahi pois os nossos quatro Evangelhos expressamente designados por Juliano o apostata.

E' glorioso e consolador para os christãos ver os títulos os mais augustos, os mais authenticos de sua religião, tornal-a de algum modo superior pelas confissões de seus inimigos; e quando incredulos mais famosos do segundo, terceiro e quarto seculo, muito mais pertos do que nós da origem dos factos, circundados de todas as luzes que os podem esclarecer, reconhecerão a antiguidade dos nossos Evangelhos, muito assenta a alguns incredulos infieis do seculo dezenove que se armem contra ella de invectivas de uma critica enfadonha, de que se envergonharião em applicar a outro qualquer genero de obras!

(Continua).

Carlina.

(Vide o n. 6.—Conclusão.)

II.

Nos dias subsequentes Carlina não me appareceu. Exultei de contentamento, e não sei que secreto sentimento me segredava que a aurora do amor abria com róseos dedos as trevas d'aquelle coração. Era uma especie de intuição prophetica. Mas a duvida, que se associa a toda a esperança que nasce, dava-me instantes de desalento mortal. Que horas infinitas!

Um dia, porém, estava Carlina, ao anôitecer, sózinha na sala, sentada ao piano, com a mão direita errando por sobre as teclas, e na esquerda repousando a face.

Entrei de manso: tão mergulhada estava em seus pensamentos, que me não sentio.

Acerquei-me d'ella, e murmurei-lhe quasi ao ouvido:

— "Se o meu coração houver um dia de fallar e de sentir, creia que irei cheio de jubilo agradecer o milagre ao Senhor..."

— São as minhas palavras!

— Não as esqueceu, Carlina?

— Nem as esquecerei... O meu coração está passando por tão singulares transições, que o desconheço em tudo. Que é isto que eu sinto? E' amor? é odio? Não sei... não m'o diga! Deixe completar-se a metamorphose. Amanhã, depois... logo talvez, saberei definir o que se passa em mim. Por ora, não. Estou como deslumbrada. Se me houvessem encerrado por longos annos n'uma estreita cella em trevas, e de repente se abatessem os muros e me inundasse este oceano de luz que nos circunda... creio que sentiria impressão identica:— a principio dolorosa... afflictiva, e pouco a pouco mais suave... mais doce... mais benefica!...

— E' o amor, Carlina!

— O amor?... Não sei! Tenho medo de olhar o futuro.

— Medo?

— Medo; medo tambem de o ver, se está a meu lado, e anseio de correr-lhe apôs, si se ausenta. Ha uma como força invisivel que me impuxa, e a que obedeço. E' uma lucta impotente!

— Pois não lucte, Carlina. Abra o coração ao amor, e a alma às delicias do céo, que se entre-

abrirá a chover-lhe no regaço doçuras ineffáveis. Olhe-me sem temor, Carlina. Veja em mim, não o homem que a tenta dominar, mas o escravo que de há muito prendeu a vida à sua vida, como a folha é presa ao tronco, e a estrela é presa aos céos! Não lhe pedirei que me ame, mas que me dê o alento para viver, que o meu viver é amaldiçoado. A cruz das misérias é menos pesada se dois a erguem... Seja-me auxílio ao menos, e verá, Carlina, verá como farei da sua existência um céo de alegrias sem nuvens que o insombrem.... Chora, Carlina! Estou salvo... estamos salvos! Essas lagrimas são o baptismo do nosso amor. E o orvalho do céo cahindo nas flores da sua alma. Vel-as-ha agora como florescem, e que perfumes celestes nos hão de dar.

— Parece-me um sonho tudo isto, meu Deus!

— E' a realidade. Oh! Carlina, que feliz sou eu! Não tenho coração para tamanha alegria. Julgava que não haveria ventura no mundo que me indemnisse das torturas que soffri. Que louco! Não ha torturas, ao contrário, que eu não devorasse, por este momento de felicidade!

Carlina, como a flor enlauguecida, pendeu a cabeça para o seio e cerrou os olhos. Estava paclida e linda de arrebatar, meu Deus!

— Tem pensado muito em mim?

— Desde aquelle dia, sempre!

— Eu... sonhava.

— Comigo?

— Sim.

— O que?

— Mil doidices!

— Conta?

— Ora... sonhos, Carlina!

— Eu quero... conta?

— Conto, meu anjo.

— Pois sim. Deixe-me pousar a cabeça em seu seio, — disse ella com ingenuidade infantil; — assim! Agora embale-me... sou como as crianças... Onde era o sonho?

— Era n'um jardim formosissimo, onde o aroma das flores embriagava a alma, e o brilho de suas pétalas multicores deslumbrava os olhos.

— Entrei.

— Aqui e ali, entre moitas de acacias floridas, estatuas semi-nuas, de sorriso nos labios. Era o marmore frio a simeilar mulheres, como ás vezes na vida as mulheres simelhão o marmore....

— E' verdade! — disse Carlina a sorrir tristemente.

— As barboletas d'azas d'ouro e púrpura, doidejavaõ de flor em flor. E o cantar das aves, e o sussurrar da brisa, e o murmurar das aguas... aquelles mysterios de amor, aquellas harmonias mysticas, o ar, o céo, a luz escaça, tudo me dava ao coração vertigens, ancias de goso que m'o devoravão.

— Anjo! sonhei-te ali, entre as estatuas, em throno de esmeraldas, por docel o espaço, por estrado o chão de flores.

— Eras bella! Brincavão-te as auras lascivamente com as transas em desalinho. Riaõ-te nos olhos alegrias celestes, e dos teus labios de rubim tombavão-me do coração — urna sagrada — não sei que phrases dulcissimas de amor e ventura!

— A tua vida já não era como out'ra o regato limpidão e sereno, sem a menor pedrinha que accidentasse a monotonia do seu leito de finas areias; nem como a flor isolada, que brotou no cimo da montanha, onde aroma e cõr só Deus lhe vira.

— Era uma vida de gozos, infinita como o céo e o espaço; ridente como labios de serafim, festiva como a do Eden!

— Um só leito para ambos... leito de flores e relva.

— Veio então a noite e desdobrou o seu manto d'estrellas no céo.

— Senti que teus labios se união aos meus, em osculo ardente.

— Arfava-te o collo e o meu coração cessára de palpitá!

— A vida fugira-nos toda para os labios.

— O que me dizias tu? Que phrases erão aquellas? Não sei...

— O véo da noite recamado de immensas flores de fogo e prata, involveu-nos a ambos... e eu, depois, estatua inerte, rolei-te dos braços até ao chão!

— Que sonho tão lindo! E Carlina, arfando como a visão dos meus sentidos, entrelaçou as mãos nas minhas, e pousou a face de carmim nos meus labios tremulos e ardentes!

III.

A minha vida, em 6 mezes, foi um extasi. As alegrias intimas, os prazeres do espírito, deleites

do coração, entrelaçavão-se a rodear-me, como fuzis de uma cadeia immensa, da qual o ultimo elo estava chumbado á pedra d'um tumulo.

Carlina era a mais docil, a mais amante das criaturas, como outrora fôra a mais fria.

Alma generosa até o sacrificio, tudo me deu, e eu idolatrei-a com o mais santo e o mais extre-mecido amor, que seios de homem jamais sentirão.

Mas satanaz, o anjo rebelde que Deus expulsou do paraíso, sempre invejoso das venturas humanas, não quiz que a minha fosse duradoura.

Vio onde se occultava o ninho dos nossos amores e destruiu-o!

Carlina ia sér mãe: — uma noite passeavamos a pé n'um dos arrabaldes da cidade, quando ao voltar a esquina d'uma rua, um trem cujos animaes corrião sem governo e desenfreadamente, por milagre me não esmaga.

Carlina deu um grito de susto e cahio desfallecida.

Ergui-a nos braços, e velei inteira a noite, ao seu lado, tentando chamar-a á razão. Devorava-a uma febre ardentissima, e as larvas do delírio fazia-n'a estorcer no leito medonhamente.

A sciencia reconheceu-se impotente, ou o meu infortunio quiz que eu pagasse n'uma só noite de agonia a ventura de seis mezes.

Quando Carlina voltou a si, só me disse:

— Eu vou agradecer, cheia de jubilo, ao Senhor, o milagre do meu amor.

Depois apertou-me com uma especie de frenesi de encontro a si, e expirou.

Eu dei um grito afflictivo e cahio como fulminado no chão.

LUIZ DE MALAFIA.

O Baptismo

A INNOCENTE *** EM 7 DE DEZEMBRO DE 1868.

De Vesta o fogo sagrado,
Symbolo da crença pagã,
Era um lampejo sonhado
Do brilho d'alma christã;
Ardia em culto solemne
A chamma viva, perenne,
Da crença do povo-rei:
Era a real prophecia
Que já o pagão fazia
Da grande futura lei!

Era a expressão da verdade
Pela razão proferida;
A luz da immortalidade
Pelo pagão concebida;
Mas que não tinha, entretanto,
A virtude de um Deus santo,
Que em Roma não fôra visto,
Que não dava ao paganismo
O bem que trouxe o baptismo
A nós, nascidos em Christo!

Era uma luz transitória,
Perpetuamente mantida,
Que não trazia á memoria
As glórias da eterna vida!
Que não mostrava no efeito
Sequer o menor conceito
Da magestade do culto;
Fogo que corpo sostinha,
Mas que espírito não tinha
No grandioso do vulto!

Sim, que o fogo, a luz divina,
A eterna, brilhante luz,
Ainda na Palestina
Não reflectia da cruz!
Foi por isso que não viras,
O' Roma, nas tuas pyras,
Uma luz igual á essa;
Luz que aciara o céo e a terra,
E que no seu brilho encerra
Uma brilhante promessa!

Contempla ali, ó pagão,
De Deus o filho humilhado,
No santo rio Jordão
Como nos lava o peccado!...
Como o céo, em gloria aberto,
Nos mostra o caminho certo
No seu dilecio Jesus!...
Vê como, em luz triumphante,
Entra a tua alma brilhante
No brilho da eterna luz!

E dize agora se a chamma,
Que tu supunhas sagrada,
Te dava os bens que derrama
Esta de Deus emanada!...
Se esperavas ver tu' alma
Na posse da viva palma
Da gloria que os justos têm!
Se mesmo vias na morte
Um meio seguro e forte
De gozar do eterno bem!...

.....

Feliz de ti, inocente,
Que n'esse baptismo santo,
Já pôdes hoje contente
Participar d'esse encanto!...

Feliz de ti, que remida,
Já vês surgir melhor vida
De mais amor e mais fé!...
Graças à mão que amparou-te,
Que no baptismo mostrou-te
Que a morte já nada é!

L. M. PREGUEIRO.

S. Harmonia Familiar.

A partida da sociedade *Harmonia Familiar* teve lugar no sabbado, 19 do corrente, nos salões da Estação do Engenho-Novo, lugar este já conhecido dos leitores.

Como era de esperar, tudo foi ás mil maravilhas.

As damas como que se ajustaram previamente para exhibirem o bom gosto de seus *toilettes*. Todos quantos meus olhos virão me agradármão, e é esta a razão por que não me darei ao trabalho de especializá-las, poupando-me talvez à vergonha de assim manifestar o meu mau gosto em modas.

No salão principal do baile havia como uma atmosfera luminosa e prateada, em que se espelhavão as variegadas cores d'esses *toilettes*, filhos todos da minha tão dilecta singeleza.

Acreditam os leitores que o scintillar prismático das joias e dos brilhantes deprecia quasi sempre as damas que os trazem, porque naturalmente quando se dá com os olhos a um *brilhante monstro*, esquecemo-nos de mudar os para contemplar a belleza e a formesura da senhora que possue um tal tesouro.

E senão haja vista, por exemplo, aquella dama que vestia de branco e verde. Esse tipo do céo estava engasgado nos primores da mais severa simplicidade.

E já que a casuística me fez chegar aqui, tornar-me-hia mau se não dissesse que essa jovem era uma sylphide em todo o poetico ideal da palavra. Na walsa ou na quadrilha apenas se imaginava que ella tocava o chão, porque todos viam-n'a voltejar no elemento dos mimosos beija-flores!

Lá-lá n'aquelle rosto mais uma copia de virgem esquecida pelo grande Raphael d'Urbino, e pela minha imaginação (com modestia) nos tempos em que saciava a sede da poesia nas inspiratorias limphas da castalia fonte!

Depois de um claro e radioso dia, quasi sempre vem a tenebrosa noite. E senão vejão.

Terminada a 2.ª quadrilha, sahi do salão para o alpendre da estação, quando de chofre, e sem os estylos diplomáticos, foi-me apresentado pelo meu *Caro-Lino* o grande orador e mui reverendo frei Simão da Providencia Divina Bahia Catão Jacaré Pedra Pavão (de gloriosa memória, acrecento-lhe eu).

Tomado de surpresa, obzequiou-me essa notabilidade com um pequeno discurso, que apenas consumiu o tempo que o ponteiro de um relógio gasta a marcar sessenta minutos!

Como a pessoa de que trato é reconhecidamente mo-

desta, e nem quis penetrar os salões do baile, farei um ligeiro esboço do seu todo original.

O Sr. Jacaré Pedra Pavão é um grande homem, mas não um homem grande; sua estatura rivalisa com a do Cincinato; seus traços phisognomicos são da maior severidade, e assentam em um rosto um tanto quadrilongo; sua *cutis* é *alea* como as trevas; e seu encaracolado cabelo, de um preto de azeviche, orna-lhe a *vasta* fronte, onde reina o talento oratório de mãos dadas com a inesgotabilidade de um *fallar de Riso*!

Uma pena de pavão pregada á esquerda do peito de tão saliente vulto, aparece como distintivo d'esse genio encarnado (*ou preto*).

Não serei tão laconico que não diga aos leitores que o Sr. Jacaré é natural da villa de Caeteté da muito heroica província da Bahia.

Receba o Sr. Jacaré o tributo de minhas homenagens, e adeus.

A noite escura tambem alvorece, e gotejando lagrimas de orvalho sobre os prados, segrada ás flores que a aurora vai chegando....

« Aparts o sol a negra escuridão
« Removendo o temor e o pensamento :
Assim no Engenho-Novo aconteceu
Depois que o tal Pavão despareceu. »

Reentrei nos salões do baile, e reverente curvei-me aos pés do symbolo da innocencia, da pureza e da ingenuidade! Esta trindade, que só pertence ás substancias ethereas, tambem é da essencia de Z....

Mas quem é Z....? perguntar-me-hão os leitores.

Eu lhes digo.

Z... é uma menina amavel que eu vi no baile, que descrevo. Vestia de branco e preto; seu collar e pulseiras de contas d'esta ultima cor, mais fazião sobressair a cambraia de seu collo e o jaspe de seus pulsos.

E seu rosto?... Oh! como hei de definir seu rosto? Não posso. Os encantos que tinha aquella expressão de alegria innocente e ingenua, transparecendo em tão seraphica phisognomia, não se explica, concebe-se!

A luz dubia e misteriosa que resulta do encontro da noite com os primeiros ensaios da aurora, é a luz do poeta, porque até traz consigo o aroma das flores, o orvalho do céo e o harmonioso trinar dos passarinhos.

Vinha pois amanhecendo quando pude ver Z.... tal qual era. E não vi uma menina, vi um idéal de perfeição a sahir das artísticas mãos do Creador!

Um botão de rosa rubra que se aninhava em seus cabellos queria, mas não podia rivalisar com a flor da pureza... porque Z.... é tambem um botão de rosa branca.

Oh! como eu tenho necessidade de ser agora poeta! A linguagem rude dos homens não conhece meios capazes de descreverem o archetypo angelical de uma menina assim!

Oh! essa donzella,

Ingenua filha do céo,
Traz envolto o coração
No manto da adoração
Do Ser que lhe deu o ser.

Porque

Vê-a assim como eu a vi,
Simples como a natureza,
E' o anjo da pureza
Que se vê dos céos descer.

Ou então

E' um sonho deleitoso
Do mais placido dormir;
Alvo jasmin a se abrir
Quando o sol vem a nascer!

como já disse em outra occasião idealisando.

Quando o sol vinha a nascer vi eu o todo de um cidadão prestante, talvez das ribas do Paquequer, que se dirigia às damas assim :

— « A Senhora já tem par p'ra todas as suas *dansas* ? »
As moças respondião-lhe com risadas, e o maganão em vez das *dansas*, consolou-se com a idéa de que correu grandemente para nos divertir com suas *lembraças*.

O seu immóvel chapéu não lhe sahia de per sobre as pernas, (já se vê, quando sentado) e realmente pena foi que não dessem ao menos *uma dança* ao homem para ver se nem assim deixaria o chapéu.

Oh ! que frequentador de salão ! A *Harmonia Familiar* extranha quando sente em seu seio um d'estes *ingenuos* !

Doces, chá, vinho e cerveja
Bem escusado é dizer
Que lá comi e bebi,
E vi comer e beber.

A banda de musica alemã do Sr. Keppelmann, como sempre, mui bem desempenhou sua tarefa nas quadriguilhas e polkas de seu escolhido repertorio.

E mais não direi, porque o fim da festa é o extrebxuar do prazer, e quando o prazer morre eu tenho venetas de chorar.

Não seja eu quem chore em presença da minhas barbas : nunca foi bom passar por tolo ou apaixonado. Drei antes como ultimo lampejo da festa os meus emboras à *Harmonia Familiar*, e à illustre Directoria, que, segundo me consta, terminou a sua missão com esta partida.

ELLE.

Coisas e lojas.

As idéas mais nobres, as instituições mais benéficas degenerão em nosso paiz e perdem a utilidade adquirindo vicios que promovem ou o aniquilamento da idéia ou a desmoralização da instituição. Estes pensamentos sug-

gerirão-se em meu espirito em seguida de um sonho que tive uma d'estas noites.

Estou ouvindo o meu bom leitor e a minha amavel leitora chamarem-me de supersticioso. E quem n'este mundo illusorio não tem o seu prejuicosinho ? Quem muitas vezes não acha singular certas coincidencias com os acontecimentos da vida ? Quem não crê em um dia fatídico ? Quem não consulta o *charlatanismo* como uma verdade, o *somnabulismo* como uma realidade ?

Creio, pois em alguns sonhos, e procuro sempre tirar moralidade d'elles.

E' defeito tambem meu extrahir moralidade das causas mais indiferentes. Por exemplo, se vejo dous individuos a jogarem murro velho, julgo que ambos têm rasão e que é mesmo o excesso de rasão que os obriga a luctar.

Se percebo uma lucta desenfreada entre dois escrivães para decidirem qual dos dois ficará no 1.º distrito do Santo Castro, digo logo com os meus botões que os ambos são egoistas ou um deseja arrancar ao outro o pão quotidiano, o que me parece ação bem feia. Tenho procurado emendar-me d'estes e outros senões, mas quem nasce terto, tarde ou nunca se endireita.

E' verdade que com perseverança tudo se consegue, e o querer é poder, como diz o grande Napoleão. Infelizmente, eu não sou Napoleão, e estou tão longe d'este guerreiro como uma candela está longe de uma estrela, ou, para a comparação ser propria, como um tenente que vindo do sul sem nunca ter entrado em combate, e que, por fias ou por nefas, alcança o commando de uma companhia de.... operarios, está longe de ser semelhante ao valente militar que derrama seu sangue no campo da batalha e morre defendendo a nossa gloriosa bandeira.

Quando escrevi —valente militar—, lembrei-me que ha militares que applicão sua valentia em detrimento da ordem publica. Contarão-me que alguns artifícies de guerra mostrão-se denodados quando em malta espanção : algum pobre infeliz que encontrão pelo caminho. Ninguem dirá que isto seja *saudável* e que demonstre uma grande disciplina no campo. Talvez que eu me engane e que seja exactamente o contrario.

Errare humanum est ! dizia o meu professor de latim, e n'este princípio é que me fundo para desculpar meus equivocos.

Desgraçadamente nem todos sabem o latim, e é por isso que muitos pagão caro os seus enganos, por exemplo : Um moço da moda, porém completamente myope, namorava uma jovem, que fazia penitencia todas as noites para esperar o seu L... e receber d'elle a perfumada cartinha. Uma noite, noite infâsta ! o nosso namorado entrega a missiva amerosa à rovô em lugar da neta. No dia seguinte volta e com voz assucarada pergunta :

— Meu anjo, testes as expressões inflamadas do meu ardente coração?

— Já li, e vou inflamar-te as costas com fricções de pau, grandíssimo maroto! exclama em voz de baixo profundo o pai da menina.

Houve uma cena de expiação para o amante L...

Cousas do mundo!

**

E o meu sonho? Nem com tanta fome à caixa, nem com tanta sede ao pote, diz o ditado.

E' por isso que a narração do meu sonho ficará para outra vez.

Au revoir.

**

Enchendo a lacuna da descrição do meu sonho, darei aos leitores a reprodução de um programma sui generis com que obzequiou-me o Sr. Vicente José Ramos, por autonomasia o — *Relogio Político* —. Eis-o :

TENDO o RELOGIO POLITICO avisado em 25 de Novembro, como se vê do DIARIO DO RIO DE JANEIRO DE 26 do mesmo mez, que a exposição dos JAPONEZES teria lugar unicamente todos os DOMINGOS, vem por este

DECLARAR

Que saíndo da GAIOLA no dia 18 de Dezembro de 1868, depois de 12 dias e 12 noites empregados em continua relação com as AUTORIDADES POLICIAES desta corte, faz as seguintes explicações, sendo livre a quem quer que seja comental-as.

1.º Declara que as pessoas mais notáveis e mais ilustradas do partido Liberal, pedirão ao Relogio POLITICO, que cessasse com sua videnta Magica onde tem entrado, e devem entrar, todos os espetáculos da época, sendo certo que já lá está o dito Relogio POLITICO.

2.º A abstenção completa do dito Relogio POLITICO na política do Paiz.

RESPOSTA.

Quanto ao primeiro, o despacho é o que se segue.

Não tem lugar o que requerem, embora se reconheça toda a lealdade que sempre caracterisou o nobre PARTIDO LIBERAL.

R. E. O. C.
E. L. O. T.
(Assinado). O. G. I.
I. O. O. L.
P.

Quanto ao segundo, o despacho é

COMO REQUEREM.

(Assinado.) RELOGIO POLITICO

O RELOGIO POLITICO passa a fazer sciente que por enquanto não está finda a sua missão de fazer rir ou chorar a muita gente: ha agora uma inovação nos usos e costumes da casa, por isso attenda-se para as observações seguintes:

Regulamento policial que impõe o RELOGIO POLI-

TICO a quem quiser ver, admirar, criticar o fructo de suas luctuações.

1.º A exposição será só AOS DOMINGOS; começará às 9 horas, e acabará quando a porta NÃO estiver aberta.

2.º A EXPOSIÇÃO é no sobrado da rua do Sabão n.º 93, esquina do RELOGIO POLITICO, entrada 1\$000 REIS em CARTÕES dos cafés cantantes, ou de outros quaesquer estabelecimentos de PROBLEMATICA EXISTÊNCIA.

Aceitando o RELOGIO POLITICO esta moeda fiduciaria, tem em vista ajudar o SR. ITABORAHY na empreza de acabar com esta nova praga, que cahio nas ceras brasileiras, muito mais nociva, que as dos GAFA-NHOTOS que annualmente assolam os desertos africanos.

3.º Completa ABSTENÇÃO dos visitantes, em tocar em qualquer objecto exposi; fazer observações; criticar dentro da casa ou insultar os empregados ou outras pessoas do estabelecimento.

4.º As CRIANÇAS até 10 annos, em companhia de seus pais ou protectores NADA PAGÃO; da mesma forma as outras CRIANÇAS de 60 até 100 annos, que não são poucas, e algumas BEM MAIS IMPERTINENTES QUE AQUELLAS.

5.º Entrada GRATIS para os membros do GABINETE ACTUAL; o mesmo a todas as pessoas que tiverem conhecimento que fazem parte da exposição, por motivos que o RELOGIO POLITICO julgou interessantes, para dar ao PUBLICO em espetáculo.

6.º NÃO TERÃO INGRESSO os mal vestidos, ossujos e aquelles que o RELOGIO POLITICO não quizer receber; nenhuma reclamação será ouvida sobre este ponto; O DINHEIRO na opinião do RELOGIO POLITICO nem sempre tem o mesmo valor, e pôde dar iguas direitos A'QUELLES que o possuem, porque Elle muitas vezes tem uma procedencia duvidosa e pouco honrosa.

O RELOGIO POLITICO declara que cessará com este divertimento, quando acabarem os EMPENHOS SOBRE TAL MOTIVO.

ET VOILA.

Rio de Janeiro, 20 de Novembro de 1868.

ZERO.

Enigma



IN

O O { Brasil... Portugal... Russia.
França... Inglaterra... Alemanha.